



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Ana Beatriz dos Santos da Costa

**Um olhar sobre o silenciamento do lugar de fala de Carolina Maria de Jesus,
*em Quarto de despejo: diário de uma favelada***

Rio de Janeiro

2020

Ana Beatriz dos Santos da Costa

**Um olhar sobre o silenciamento do lugar de fala de Carolina Maria de Jesus,
em *Quarto de despejo: diário de uma favelada***

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientador(a): Suelen Barbosa da Silva

**Rio de Janeiro
2020**

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca da EPSJV-Fiocruz

Ana Beatriz dos Santos da Costa

**Um olhar sobre o silenciamento do lugar de fala de Carolina Maria de Jesus,
em *Quarto de despejo: diário de uma favelada***

Monografia apresentada à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Aprovada em: 01/12/2020

Banca Examinadora

Suelen Barbosa da Silva

Leticia Batista da Silva

Renata Rufino Amaro

Dedico este Trabalho a toda minha família, que sempre me apoiou e contribuiu para que eu pudesse me tornar o que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, por ter me ajudado e ter me sustentado até aqui.

Aos meus pais Marco (*in memoriam*) e Iraci, e ao meu irmão João por sempre me apoiarem e incentivarem em cada etapa da minha vida.

Aos meus familiares e amigos por sempre estarem ao meu lado.

Aos amigos de classe pelas trocas. Em especial, Carmen, Josefa e Mario, obrigada por me ajudarem a manter minha sanidade mental durante esses 4 anos.

A minha orientadora Suelen Barbosa por ter se disponibilizado a me auxiliar durante esse processo.

A todos da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio que contribuiu direta e indiretamente na minha formação.

*Nós deixamos as pessoas dizerem coisas,
e elas dizem tanto que se torna uma coisa
natural para elas e normal para nós. Qual
é o sentido de ter voz se você vai ficar em
silêncio nos momentos que não deveria?
(Angie Thomas)*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender os efeitos que a literatura pode proporcionar a vida de pessoas que vivem em condições de pobreza e que estão submetidas diariamente a falta de saneamento básico, o qual pode estar diretamente relacionado à saúde física e mental das pessoas. O trabalho apresentará uma pesquisa social, de natureza qualitativa, tendo como bojo central a literatura como fonte de equilíbrio mental na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, da escritora Carolina Maria de Jesus; como forma de sobreviver aos infortúnios da vida e, sobretudo, ao silenciamento de sua fala, visto que o livro escrito, pela autora, teve o reconhecimento da sua autoria atribuído a Audálio Dantas, jornalista que descobriu a escritora. A coleta de dados se dará por meio da revisão de textos literários com tema central em saúde mental, literatura marginalizada, e outras obras que tenham relação com o tema abordado.

Palavras-chave: Saúde Mental e Miséria, Silenciamento de Fala, Literatura Marginalizada e Racismo

ABSTRACT

This work aims to comprehend the effects that literature can have on the lives of people who live in conditions of poverty and are daily subjected to the lack of basic sanitation, which can be directly related to people's physical and mental health. The work will present a social research, of a qualitative nature, focusing on literature as a source of mental balance in the book *Quarto de despejo: diário uma favelada*, by the writer Carolina Maria de Jesus; as a way to survive the misfortunes of life and, above all, the silencing of her speech, since the book had its authorship attributed to Audálio Dantas, the journalist who discovered the writer. Data collection will take place through the review of literary texts with a central theme in mental health, marginalized literature, and other works that are related to the topic addressed.

Keyword: Mental Health and Misery, Speech Silencing, Marginalized Literature and Racism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2- DESENVOLVIMENTO	14
2.1 Vida e obras	14
2.2 Revisão teórica	18
2.2.1 Saúde Mental	18
2.2.2 Literatura	19
2.2.2.1 Literatura Marginal	20
2.2.3 Biblioterapia	21
2.3 A banalização do silenciamento da população preta.....	23
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

1 INTRODUÇÃO

Até o ano de 2019, 24,7% da população brasileira se encontrava em situação de pobreza, ou seja, cerca de 51,7 milhões de pessoas sobreviviam com uma renda per capita de R\$436,00 por mês (IBGE, 2020)¹. Essas pessoas vivem à margem da sociedade, em condições insalubres e que de certa forma pode vir afetar a saúde. Sabe-se que moradores de locais precários têm sua saúde mental cada vez mais frágil e negligenciada, por conta da violência, pobreza, falta de assistência, dentre outros fatores; mas alguns encontram na literatura um caminho de manter sua sanidade mental e de fazer ecoar sua voz na sociedade.

No decorrer do tempo, a literatura ganhou diferentes significados. Segundo Aurélio (1999, p.1225), literatura é a “arte de compor ou escrever trabalhos artísticos ou em prosa” e ainda “o conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época”. Etimologicamente, a palavra tem origem no latim *littera*, que significa letra. E são as letras que formam as palavras, que vão formar as frases que formarão o texto para a leitura enquanto meio de libertação. Ler é a atividade fundamental para o exercício de ser cidadão. É a ferramenta que nos coloca em contato com o mundo escrito e com a leitura. É praticando a leitura que o leitor pratica sua emancipação intelectual, mediante a função libertadora da palavra. No entanto, somente por meio da leitura da literatura é que o leitor pode extrapolar os limites de seu cotidiano e criar e recriar sua história como sujeito ativo, crítico e reflexivo no mundo.

De forma geral, a literatura serve de grande ajuda contra fatores como tristeza e estresse, que geralmente são uma constante na vida das pessoas pobres. Assim como é retratado na vida e nas obras de Carolina Maria de Jesus. No entanto, a obra em estudo é *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

Nascida em Sacramento, no interior de Minas Gerais, Carolina foi a primeira autora negra e pobre a ser publicada no Brasil na década de 60. Mudou-se para São Paulo em busca de uma vida melhor. Sozinha construiu seu barraco e criou os três filhos na favela do Canindé, que estava em processo

¹ Síntese de Indicadores Sociais - **Uma análise das condições de vida da população brasileira 2020**

de ocupação naquele momento. Para ela, a literatura era um meio de sobreviver, pois era por meio dela que conseguia exteriorizar o que sentia e fugia de sua dura realidade. Para além disso, a literatura de Carolina de Jesus era uma denúncia a tudo o que a população pobre e preta vivenciava e era submetida em seu cotidiano: fome, miséria, violência, falta de salubridade; já que fora morar em um ambiente que estava a se construir de forma dita "irregular". Talvez esses componentes negativos impliquem a uma possível insanidade-sanidade, ou seja, que esteja entre algo que beire a loucura e a sanidade, por conta dos infortúnios que a vida lhe apresentou. Assim também como continua a apresentar a parcela mais pobre da sociedade. Mas não há apenas isso como fator definitivo em seu livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. A autora retrata a fome como sendo a escravidão contemporânea a qual o pobre está fadado. E que a fome pode afetar a saúde mental de diversas formas, chegando até ao suicídio:

(...) li que uma senhora e três filhos havia suicidado por encontrar dificuldade de viver, (...) Pobre mulher! Quem sabe se de há muito ela vem pensando em eliminar-se, porque as mães tem muito dó dos filhos. Mas é uma vergonha para uma nação. Uma pessoa matar-se porque passa fome. (...) Passei o dia chingando [sic] os políticos, porque eu também não tenho nada para dar aos meus filhos quase fico louca. (JESUS, 2014, p. 62-63)

Carolina de Jesus retrata a literatura como um modo de aliviar esse sofrimento:

(...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (...) As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginarios. (JESUS, 2014, p.58-59)

Com isso ela demonstra que, apesar de tudo o que a miséria a faz passar, encontrou na literatura um escape e, que, por meio dela, se sentia feliz.

Diante da desigualdade social no país, um fator que se encontra presente é a falta de oportunidade para que a parcela pobre possa exercer seu lugar de fala. Mesmo quando encontram um meio de exteriorizar sua voz por meio da escrita, essa população não recebe espaço para que sua vivência seja divulgada e validada. Como exposto por Carolina no trecho "(...) o meu sonho

era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura” (Jesus, p.197 2014), uma parte privilegiada da população controla as vozes que são ouvidas, e nesse processo várias outras são silenciadas. E, talvez, esse silenciamento vá causando a essa população tristezas, angústias, sofrimentos.

A população preta e pobre sempre foi marginalizada na sociedade brasileira, e a falta de trabalhos acadêmicos com o protagonismo dessa parcela é uma das evidências dessa realidade. Como mulher preta, a meu ver, é essencial que haja espaços em que essas vivências possam ser expostas e validadas. Espaços esses democráticos, em que a fala de todos sejam ouvidas e respeitadas, independente de seu lugar social.

Além do interesse pessoal, o que impulsionou a realização desse trabalho foi observar o racismo que se encontra estruturado em nossa sociedade. E de como ele resulta numa banalização da realidade de vida que muitos são obrigados a ter, em virtude da desigualdade no país. Não apenas banalizando, mas silenciando e sobrepondo outras vozes, as vozes dessas pessoas. Negando-lhes o direito de se sentirem representadas e o direito de expor sua verdade. Fora a constante marginalização que o tipo de literatura produzida por essas pessoas sofre. Outro fato é que esses autores precisam se esforçar muito mais do que deveriam, para conseguir ter reconhecimento social.

Assim, o objetivo geral desse trabalho é compreender os efeitos da literatura sobre a saúde de pessoas em situações precárias. E os objetivos específicos são: apontar como o não lugar de fala de Carolina de Jesus, ou seja, o não reconhecimento de sua autoria em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, atribuído ao jornalista que a lançou, juntamente as condições sociais implicam na saúde mental da autora; e relacionar os efeitos da literatura com a saúde.

Este projeto se baseia numa abordagem socioqualitativa, as quais foram usadas técnicas de revisão de literatura que corroboraram com o tema em discussão. Segundo Deslandes apud Minayo (1993, p.43), “a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir representatividade.”, posto que é um método que prioriza a subjetividade e as relações humanas, e,

como afirma Godoy (1995), apresenta um olhar holístico, com uma maior preocupação quanto ao processo, do que simplesmente com os resultados.

Foi usada como estratégia de pesquisa a revisão de textos literários, tendo como referência os descritores: saúde mental e miséria, silenciamento de fala e literatura marginalizada e racismo.

Por isso, o referencial teórico metodológico utilizado no presente trabalho foi construído a partir da proposição de Deslandes apud Minayo (1993), dentre outros que corroboraram com o tema em estudo.

2- DESENVOLVIMENTO

2.1 Vida e obras

A escritora Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914, em Sacramento, no interior de Minas Gerais. Oriunda de família humilde, estudou apenas até o 2º ano do ciclo básico, tempo suficiente para aprender a ler e escrever, nutrindo desde nova grande interesse pela literatura.

Em 1937, após a morte da mãe, ela se muda para São Paulo, em busca de uma vida melhor. Nessa época, a cidade se encontrava em um cenário de chegada intensa de migrantes, advindos tanto das áreas rurais do Brasil, quanto do exterior, resultando em um alto nível de competição na busca por trabalho.

Nesse contexto, Carolina de Jesus consegue emprego como empregada doméstica na casa do cardiologista Euryclides de Jesus, que lhe dava permissão para que, nos tempos vagos, ficasse em sua biblioteca lendo. Contudo, ao engravidar, Carolina se vê obrigada a largar o trabalho de empregada doméstica. E assim, mais tarde, ela é despejada na, então em processo de ocupação, favela do Canindé, localizada às margens do rio Tietê. Sozinha, sem dinheiro, e com 3 filhos para sustentar, conseguia sua renda sendo catadora de lixo. Mesmo nessas condições, sempre prezou pela educação dos filhos, garantindo que poderiam ter o melhor que ela pudesse oferecer, como dito por Vera Eunice, filha mais nova de Carolina de Jesus, em entrevista concedida ao Jornal Futura (2015): “A gente morava na favela e ali tinha muita enchente, porque a gente morava do lado do rio Tietê, então a água vinha até o teto. Então ela levava os meus irmãos nas costas nadando, mas ela levava pra escola.”

O lixo foi fonte de seu sustento, como também era de onde conseguia seus papéis e os poucos livros que tinha acesso. A literatura se tornou parte do cotidiano de Carolina de Jesus, como no relato de Vera Eunice, concedido à BBC News Brasil (2019): “Quando ela estava andando e as memórias vinham, as ideias vinham, ela pegava o papel que tivesse perto dela, ou no chão ou papel de pão, qualquer papel. (...) Ela anotava a lápis mesmo, e depois ela sempre, à noite, passava nos cadernos dela com a caneta tinteiro. Cadernos que ela achava no lixo, cadernos usados(...)”.

Ela não conseguia mais ter um dia em que a literatura não estivesse fortemente presente, como é visto em relatos ao longo de suas obras.

Carolina de Jesus encontrou no ato de escrever um meio de se apaziguar, em meio ao caos que era sua vida. Para além disso, ela tinha o objetivo de um dia ter seus escritos publicados, para que pudesse sair da favela. Tentou diversas editoras, nacionais e internacionais, contudo, foi constantemente negada: “(...) os editores do Brasil não imprime [sic] o que escrevo porque sou pobre e não tenho dinheiro pra pagar.”

Conseguiu ser finalmente lançada, com a ajuda do repórter Audálio Dantas, que estava fazendo uma reportagem na favela da Canindé. O repórter ficou intrigado ao ouvir Carolina ameaçar alguns homens, que estavam causando confusão no parquinho, ao dizer que escreveria sobre eles. Mais tarde, a autora apresentou a ele cerca de 20 cadernos que continham o cotidiano da favela documentado. Com isso, Audálio desiste de sua reportagem e, em 1960, Carolina de Jesus consegue publicar seu primeiro livro.

Quarto de despejo: diário de uma favelada foi o título que recebeu a primeira obra da autora. O livro foi um sucesso tão grande que vendeu cerca de 10 mil exemplares, em uma semana. Ele ainda foi traduzido para 14 idiomas, vendeu em 40 países, e se tornou *bestseller* nos EUA; tornando Carolina de Jesus um sucesso nacional e internacional. E assim ela finalmente consegue sair da favela, e se mudar para uma casa de alvenaria, que originou no título de seu próximo livro publicado.

Mesmo ao sair do que ela chamou de quarto de despejo e ser recebida na sala de visita, Carolina de Jesus continuou com suas escritas. Seu segundo livro, *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, retrata as mudanças de sua vida após o lançamento de *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. Porém o livro não foi tão bem recebido quanto ao primeiro, e a autora começa a ser esquecida pelo mercado. Ao não atender as expectativas impostas sobre ela, Carolina de Jesus começa a perder o interesse da sociedade. Teve uma imagem inventada e vendida, como um produto. E após ser consumida e deixar de ser novidade, foi descartada como bem exemplifica o excerto da tese de Santos (apud SILVA, 2016, p.8) a seguir:

Para a sociedade que a cortejou, fascinada, Carolina representava os pobres, mas o fascínio acabou quando viram ser uma “pobre soberba”. Já para os pobres que a rejeitaram, desde sempre, sua literatura em nada serviu. Para eles nunca passou de uma “crioula metida.

Mesmo nessa situação ela lutou. Tentou publicar outras obras com o dinheiro advindo de seu sucesso, o que resultou no seu retorno a condição de pobreza.

Carolina de Jesus teve uma árdua trajetória até alcançar seus objetivos de lançar um livro e sair da favela do Canindé. Enfrentou muitos obstáculos, colocados pela pobreza, em seu caminho. Seus manuscritos foram negados por diversas editoras. Entretanto, mesmo depois de ter um livro publicado, considerado um sucesso nacional e internacional, Carolina terminou sua vida na pobreza e esquecida pela mídia.

O desfecho da escritora é um exemplo do quanto à mulher preta e pobre é preterida na sociedade brasileira. Na hierarquia social esse é o grupo que se encontra na base da pirâmide; uma pirâmide que se mantém de pé, justamente, por essa desigualdade, uma vez que, para que o topo possa se manter intacto, é necessário que tenha uma base grande e bem fundada. Como colocado por Ribeiro (2017) em seu livro *O QUE É LUGAR DE FALA? Ou seja, como “o outro do outro”*. Em uma sociedade onde o racismo está estruturado, o negro é visto como o outro, e com o machismo somado a isso, a mulher preta é tida como o outro do outro. Portanto, o fato de Carolina de Jesus ter ascendido em uma sociedade com essa estrutura na década de 60, onde tudo era mais difícil e o preconceito muito mais explícito e agressivo, foi algo notável.

Em um primeiro momento a escrita de Carolina foi recebida como algo novo, exótico. Contudo, a partir do momento em que ela passou a ocupar um espaço que não era considerado seu, não foi mais bem recebida como uma novidade, mas foi destrutada. Em entrevista para o *Jornal Futura* (2015), Vera Eunice disse que a família foi muito mal recebida, por seus novos vizinhos, classe média, ao se mudar da favela.

Devido às circunstâncias, no fim, ela já se encontrava em um estado de descrença com a vida. Quando perguntada sobre o que estava achando do mundo fora da favela, Carolina disse estar decepcionada:

Decepção. Pensei que houvesse mais idealismo, menos inveja. Mas aqui há não só muita ambição, mas também o desejo de vencer a qualquer preço. Mesmo que os meios empregados sejam podres. Quando matei um porco, lá

na favela do Canindé, alguns vizinhos exigiram um pedaço de carne. Rondavam meu barraco feito bicho que fareja presa. Lá na favela era o porco, aqui é o dinheiro. No fundo, é a mesma coisa. Lembrei do meu provérbio: não há coisa pior na vida do que a própria vida. (JESUS, 2014, p.196-197)

Tamanha foi sua decepção, que já não valorizava a própria vida. Ao sair da favela, ela tinha um imaginário diferente do que o que lhe fora apresentado. Havia imaginado uma vida longe das confusões e precariedades que o quarto de despejo lhe tinha apresentado. Todavia, o que Carolina de Jesus recebeu foram mais maus-tratos por parte de uma elite que não a reconhecia como escritora, poetisa, artista. Estava em uma situação na qual não conseguia ser enxergada fora da caricatura como fora pintada, da mulher pobre, da favelada, que não teria nada a oferecer além desse cenário.

Novamente pobre, ela e seus filhos foram morar em um sítio no interior de São Paulo. Assim, isolada, Carolina de Jesus morre vítima de uma doença respiratória, em 13 de fevereiro de 1977.

2.2 Revisão teórica

Este capítulo foi desenvolvido tendo como base teórica o conceito de saúde mental de acordo com Bisneto (2011), de literatura segundo Antonio Candido (2004), e as concepções de biblioterapia à luz de L.H Tweffort (2001), Rosenblatt (2001) e Caldin (2001).

2.2.1 Saúde Mental

A saúde mental, como conhecida hoje, é uma área relativamente nova, uma vez que pessoas que eram acometidas com algum transtorno mental ficavam trancafiadas e esquecidas em manicômios. O que chamavam de tratamento eram, na verdade, sessões de choque elétrico, uso de camisa de força, isolamento. No Brasil, Nise da Silveira foi uma das principais pioneiras na luta antimanicomial. Ao se recusar a aceitar as medidas da época, ela desenvolve um campo de pesquisa o qual usa a arte para tratar de pessoas com distúrbios mentais, denominada terapia ocupacional, no Centro Psiquiátrico Nacional do Engenho de Dentro, local onde trabalhava (LIMA, CASTRO, 2007, p.366). A médica foi de extrema importância para avanços de tratamentos na área psiquiátrica, criando a possibilidade do entendimento de saúde mental que se tem atualmente.

Segundo a OMS (2018) - Organização Mundial de Saúde - saúde mental é “um estado de bem-estar no qual um indivíduo percebe suas próprias habilidades, pode lidar com o estresse normal da vida, pode trabalhar produtivamente e é capaz de contribuir para a comunidade”, ou seja, para além da ausência de transtornos mentais, é essencial que esse estado de bem-estar seja mantido para que haja a garantia da saúde mental.

Em sua análise institucional, Bisneto aponta a importância que a situação social tem para o manutenção desse estado mental. O autor afirma que problemas sociais, tais como exclusão social, desemprego, entre outros, podem ser desencadeadores de sofrimentos mentais. (BISNETO, 2011, p.182-184). Sofrimentos esses que são encontrados ao longo de toda a obra de Jesus, em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. A autora expõe em sua escrita momentos em que não se sentia bem mentalmente, por conta das dificuldades da pobreza, a ponto de não conseguir fazer

aquilo que já era considerado parte de sua rotina — escrever — como exemplificado no trecho a seguir: “Eu parei de escrever o Diário porque fiquei desiludida. E por falta de tempo. (...) Não tenho nada para comer. Hoje eu estou nervosa, desorientada e triste.” (JESUS, 2014, p.162). Além do bem-estar de Carolina de Jesus, o livro também apresenta o das pessoas ao seu redor, como o caso a seguir: “Hoje estou disposta. O que me entristece é o suicídio do senhor Tomás. Coitado. Suicidou-se porque cansou de sofrer com o custo da vida.” (JESUS, 2014, p.161). Esses trechos enfatizam a importância de manter uma boa saúde mental, uma vez que se pode observar o quanto à pobreza pode ser um fator contribuinte para o mal-estar mental. Tais condições que colaboram com esse mal-estar são constantes na vida de pessoas desfavorecidas, tendendo a piorar ao longo do tempo, a ponto de resultar em doenças mentais e físicas.

2.2.2 Literatura

Candido (2004, p.174) considera como literatura:

todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Em sua publicação *O DIREITO À LITERATURA*, o autor afirma que, para além de todos os efeitos que a literatura proporciona, ela também deveria ser garantida como um direito humano a todos, pois afirma que “As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, (...) que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo”(CANDIDO, 2004, p.).

Ao longo do texto, ele discorre sobre as diversas formas em que um escrito literário pode se apresentar e os efeitos que sua leitura pode causar a quem o recebe, sendo o principal deles o de humanizar, uma vez que “nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.” (CANDIDO, 2004 p. 180). Candido (2004, p.176) divide os principais papéis da literatura em três partes: construir objetos autônomos — que ele aponta como a principal função, uma vez que

corresponde a forma com a qual a mensagem é construída, definindo se ela é ou não literária; uma maneira de se expressar e um modo de adquirir conhecimento.

2.2.2.1 Literatura Marginal

O termo literatura marginal originou-se na década de 70, principalmente, na cidade do Rio de Janeiro. Naquela época, o tipo de literatura comumente aceita no país, era caracterizado pelo uso rebuscado da língua, conforme as normas acadêmicas, e por ser consumida e produzida de maneira elitizada.

O termo surgiu para definir os livros produzidos fora dos padrões acadêmicos daquela época. Eram escritas que não se enquadravam em nenhum dos modelos tradicionais. As obras eram produzidas na linguagem coloquial, o que facilitava o entendimento para todas as camadas sociais e eram, geralmente, distribuídas com preços acessíveis nas praças e bares em formato de livretos artesanais mimeografados (MIRANDA, p.4). Apesar de tentar representar as classes desfavorecidas, os primeiros livretos foram quase, majoritariamente, escritos por homens pertencentes a classe média/alta — com exceção de Carolina Maria de Jesus, que foi a primeira pessoa a escrever sobre a favela de dentro da favela (EBLE, LAMAR, 2015, p.203).

A partir da década de 90, o formato se tornou mais similar com o que é conhecido atualmente. As pessoas da favela passaram a fazer parte ativa do movimento de literatura marginal, não apenas como consumidores, mas também como produtores, oriundos principalmente das favelas de São Paulo (EBLE, LAMAR, 2015, p.194). Segundo Silva (2019, p. 27), “o que define essa escrita é a forma direcionada de falar, tanto da miséria e da pobreza vividas pelos marginalizados, quanto da violência infringida e sofrida por eles de maneira explícita na escrita do texto (..) não utiliza a norma padrão da língua.” Esses escritos são expostos, principalmente, em sarais e feiras literárias.

2.2.3 Biblioterapia

O uso da literatura para benefício da saúde mental da origem à prática de biblioterapia. Biblioterapia é o termo técnico usado para identificar o que Carolina Maria de Jesus fez e o que muitas pessoas fazem ao usufruir do livro para benefício de sua sanidade mental. A Biblioterapia não tem uma definição oficial. O processo tem diversos conceitos, definidos por diferentes pensadores. Contudo, é importante destacar que, apesar de terem sido definidos por pessoas diferentes e cada um conter sua subjetividade, todos comumente apontam para o poder que a atividade de leitura literária tem sobre os problemas originados no campo da saúde mental, por intermédio, especialmente, da identificação com o outro. Visto que, ao compreender e se identificar com a situação exposta na literatura, o leitor consegue lidar mais facilmente com a sua própria realidade.

O conceito de biblioterapia definido por L.H Tweeffort (2001), remete aos ideais presentes na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, da escritora Carolina Maria de Jesus, uma vez que, ambos apresentam o autoconhecimento e a exteriorização de sentimentos como um fator importante. No entanto, Tweeffort (2001) visa à perspectiva do leitor, e Carolina (2014) a do escritor. Tweeffort (apud CALDIN, 2001) aponta que a biblioterapia “busca a aquisição de um conhecimento melhor de si mesmo”. E Jesus (2014, p.195) expressa isso no decorrer de todo seu livro, como quando afirma que “A transição da minha vida foi impulsionada pelos livros (...) É por intermédio dos livros que adquirimos boas maneiras e formamos nosso caráter.”

Louise Rosenblatt (2001) defende, entre outras coisas, o uso da literatura para fins de gerenciamento dos conflitos internos e externos. Para a autora, a reflexão que a literatura provoca sobre o leitor, antecede a ação (ROSENBLATT apud CALDIN, 2001). Tais conflitos podem ser exemplificados, como apresentados por Carolina de Jesus, como problemas referentes às dificuldades do cenário da situação de pobreza, como a fome:

A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (JESUS, 2014, p.32)

A fome é um fator constante por toda a obra e vida de Carolina de Jesus. Sendo fielmente retratada como uma vilã concreta, com características e cor. E atrelado a isso, há as preocupações referentes às condições financeiras: “...De manhã eu estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer” (JESUS, 2014, p.49) e outras dificuldades sociais que, infelizmente, ainda pairam na realidade da população brasileira preta e periférica.

Caldin (2001) e Jesus (2014) compartilham alguns aspectos em comum quando se trata da importância da literatura para a saúde mental. Porém, aquela os apresenta de uma forma acadêmica, enquanto esta apresenta uma perspectiva do ponto de vista das suas vivências. Entretanto, a questão mais essencial que fica perceptível na visão de ambas, é a potência que a literatura tem quando usada para tratar. Caldin (2001) define como um componente da biblioterapia a catarse, ou seja, a “pacificação, serenidade e alívio das emoções.” e até mesmo a “função libertadora da arte.”, que acontece por meio da leitura ou escrita literária (pensando na perspectiva de leitor e de escritor); quando se precisa ler ou escrever para não enlouquecer diante de tantos infortúnios. E essa capacidade de aliviar e libertar estão presentes por todo a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, como no trecho “Quando eu não tinha o que comer, em vez de xingar escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia no meu diário.” (JESUS, 2014, p.195). Como apresentado no excerto acima, a autora demonstra o quanto a escrita é essencial para lidar com os conflitos angustiantes de seu cotidiano, num lugar que ela sempre acreditou não ser o dela, posto que ela sempre execrou a miséria e a favela.

2.3 A banalização do silenciamento da população preta

A população preta e pobre sempre foi marginalizada em nossa sociedade, e a falta de trabalhos acadêmicos com o protagonismo dessa parcela é uma das evidências dessa realidade. É essencial que haja espaços em que essas vivências possam ser expostas e validadas. Espaços esses democráticos, em que a fala de todos sejam ouvidas e respeitadas, independentemente de seu lugar social.

Ribeiro (2017) aponta para a importância de reconhecer uma realidade antes de tentar lutar contra ela. A autora afirma que “Se não se nomeia uma realidade, nem sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível.” (2017, p. 43), ou seja, para combater algo é necessário que, antes de tudo, haja o reconhecimento da situação como um erro.

Atualmente, questões como a desigualdade social, o racismo e o machismo têm conquistado mais espaço de discussão, porém nem perto do que seria o ideal. Mesmo com esses problemas explicitamente enraizados em nossa sociedade, eles não recebem o local de centralidade necessário para que sejam aprofundados. Assim como apresentado no trecho a seguir:

O silêncio dos grupos marginalizados – entendidos em sentido amplo como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério – é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar em nome desses grupos, mas também, embora raramente, pode ser quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. (DALCASTAGNE, 2011, p.16)

O trecho acima aponta para uma situação que foi muito naturalizada: o fato de que, além de ter seu espaço negado, esses grupos têm suas vozes substituídas por pessoas de fora que dizem falar “por” eles. Entretanto, esse foi apenas mais um modo que a sociedade opressora encontrou de calar essas vozes.

Mesmo em meio a esse cenário há uma melhora na organização da luta das minorias. E uma maior conscientização da população como um todo. Mas essas problemáticas são tratadas da forma mais vaga possível. O suficiente para mascarar-

las e dá-las como resolvidas, mas não a ponto de realmente mudar alguma coisa na sua estrutura. Assim como pode ser visto no trecho a seguir:

Um parlamento com mulheres negras deixa de ser machista, racista e sexista? A resposta é não. Mas deixa de ser tão óbvio a sua misoginia e preconceito racial. A lógica perversa do machismo e do racismo também está na sua capacidade de se camuflar, papel feito com excelência pela suposta democracia racial difundida no Brasil. (SOUZA, 2019, p.27)

A mulher preta e pobre é a que mais tem a perder nessa organização. Ela não só tem uma vida de obstáculos para superar, mas quando consegue superá-los e ascender na vida, é mal vista e mal falada pela branquitude — que para além de uma questão de identidade racial é um lugar de vantagem; uma vez que o branco é visto como o padrão e qualquer coisa fora disso é o diferente — como exposto a seguir: "a fala destemida, ousada e afiada é considerada insolente para a branquitude que sempre submeteu as mulheres negras ao violento silêncio." (SOUZA, 2019, p.25). O que pode ser julgado como insolência para os de fora, para a mulher preta é o empoderamento em meio a uma realidade opressora. Empoderamento esse que se caracteriza pelo momento em que, contra todas as expectativas, a voz é encontrada e exteriorizada. E uma vez exposta, não pode mais ser reprimida.

A desigualdade social pode ser vista ao observar a democratização da cultura. A arte, como muitas coisas, é bastante elitizada no Brasil. Sempre foi preciso ter certo status para usufruí-la; e um maior ainda para produzi-la e ser reconhecido por isso. A literatura, em especial, não apenas sofreu o processo de elitização, em que é concedida exclusivamente a uma parcela específica; mas também foram definidos estereótipos ditando quais tipos de literatura seriam aceitas. A literatura foi colocada em uma caixinha, de modo que qualquer coisa fora dela sofra represálias. Assim como pode ser visto no trecho a seguir:

(...) quando as grandes editoras publicam livros que tratam sempre dos mesmos temas e trazem um perfil de autor muito parecido – e são esses livros que são resenhados nos jornais, que estão nas livrarias do país inteiro –, elas estão dizendo ao leitor o que é considerado literatura e quem pode ser chamado de escritor no Brasil. A presença dentro das livrarias e dos jornais é um carimbo do que é considerado literatura: se você quiser ser escritor, tem que se parecer com *isso*. O que é bastante perverso, principalmente quando

se pensa na autoria de mulheres, de indígenas, de negros, periféricos ou pobres que estão longe deste circuito e que acreditam que têm algo a dizer, que acreditam que também podem expressar o mundo através da literatura, mas que acabam recusados de algum modo. O que está sendo dito, hoje, é que o que eles podem vir a fazer não é válido. (DALCASTAGNE, 2018)

Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, esse cenário de desigualdade, explícito e implícito, é constantemente destacado. Carolina de Jesus passou por diversos dissabores advindos do fato de ser mulher, preta e periférica. Várias vezes o racismo é retratado pela escritora, de maneira que permite parecer ser o agora, o presente que se concretiza no campo da realidade como se nada tivesse mudado:

Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo o jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda-civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatório. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime das chibatadas? (JESUS, 2014, p.108)

O trecho supracitado é apenas um dos exemplos de racismo que está presente na obra. Porém, dentro e fora das páginas, casos de preconceito são uma constante. Alguns mais explícitos que outros, mas sempre insistentemente presentes, enraizados. Ademais, a autora também se refere às diferenças entre o ambiente da favela e da parte nobre da cidade, que existem graças ao racismo ambiental estruturado nesse cenário, explicado no trecho abaixo:

os pobres, e entre estes de maneira desproporcional os negros, sofrem o racismo ambiental, visto que para além de suportarem altas taxas de poluição e viverem em áreas sem infraestruturas e saneamento adequados, o lixo tóxico é sistematicamente destinado à periferia e a zonas em que vivem estes grupos vulnerabilizados. (SILVA, 2012, p.98)

As características supracitadas estão expostas por toda a obra de Carolina de Jesus e são comparadas com a diferença do cenário mais rico da cidade. Diferença essa que acabou sendo a inspiração para o título de seu primeiro livro:

As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quanto estou na favela tenho a

impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 2014, p. 37)

Ao se identificar como algo fora de uso, digno de ser despejada, Carolina de Jesus reproduzia o que o cenário em que se encontrava gritava para ela, diariamente. A cada destrato que recebia, cada injustiça que presenciava e desafios que encontrava, a escritora sentia na pele o que era ser mulher preta e pobre, em uma sociedade machista, desigual e fortemente racista.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infelizmente, Carolina de Jesus não foi a primeira e nem a última mulher preta a ter de enfrentar essas dificuldades. Apesar de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* ter sido escrito há mais de 60 anos, sua temática ainda é muito presente no atual cenário brasileiro. A realidade de pessoas que vivem em situações precárias é repleta de dificuldades de origem socioeconômica, físicas e mentais. Sobretudo tratando-se de pessoas pretas, que ao longo da história têm seus direitos roubados e nunca reparados. Pelo contrário, é uma população que até hoje sente diariamente na pele as consequências desse histórico. Isso pode ser observado ao constatar que infelizmente assim como a periferia, as detenções prisionais, os moradores de rua, todos tem a mesma cor, inclusive a miséria, preta. Em muitos casos essas pessoas necessitam travar diariamente uma luta árdua e solitária contra a fome, a violência, o silenciamento, o descaso. Nunca sabendo o que o amanhã vai prover, ou se terão um amanhã. O mais cruel é que tal luta não resulta em uma vitória, mas tem como fim a sobrevivência, e nada mais.

Um modo que alguns encontram de amenizar essa situação é por meio da literatura, uma vez que ela consegue proporcionar, ainda que por um instante, certo alívio e possibilidade de fuga. O livro possibilita que o leitor se transporte para seu universo, de modo que consiga escapar de sua realidade, desligando-se dos problemas e proporcionando um alívio emocional, contribuindo para o bem estar mental. Para além da leitura, ao escrever o autor tem a sensação de controle, considerando que, naquele momento, é ele quem dita às regras e o desenrolar dos acontecimentos. A escrita também pode auxiliar no alívio de algumas emoções, a partir do momento em que o escritor as exterioriza nos seus escritos.

Esse efeito da literatura sobre a saúde mental fica nítido ao observar que Carolina de Jesus encontrou na escrita um modo para se expressar. Foi a literatura que a ajudou a passar por todas as amarguras que a vida lhe reservou. Foi por meio dela que Carolina de Jesus conseguiu exteriorizar seus sentimentos, pensamentos e denúncias. Graças a literatura, ela conseguia encontrar outra forma de lidar com os conflitos advindo da situação de miséria. Por meio dela, fugia da dura realidade que lhe aguardava sempre que fechava um livro ou seu diário e saía de seu castelo imaginário. É possível observar o efeito humanizador da literatura em Carolina de

Jesus, pois, apesar de tudo, ela era empática com a dor dos outros e não usava de seus escritos para denunciar apenas a própria realidade. A literatura tornou-se uma parte crucial da vida de Carolina, sendo tão importante a ponto de ela preferir a companhia de seus livros, seu caderno e sua caneta.

Portanto, ao ter a autoria de seu livro duvidada, não era apenas o título de autora que lhe era negado. Juntamente, tentavam silenciar sua voz; e o silenciamento adoece e mata. Como a literatura tinha um papel tão grande na sua vida, ao recusarem sua escrita também a recusavam como pessoa, tentando apagar sua principal forma de fala. Rejeitaram sua forma de falar (o que demonstra não vir de hoje o preconceito linguístico²), de agir, de escrever. Rejeitaram-na como um todo. Rotularam como errado tudo o que não aceitavam de diferente nela. Com isso a obrigaram a voltar ao anonimato e a se exilar; mais uma vez a marginalizavam.

² Segundo Marcos Bagno (2014), preconceito linguístico é o ato de julgar uma pessoa por seu modo de falar, devido a comparação feita entre a fala e a gramática normativa. Esse tipo de preconceito é fortemente praticado pelas pessoas da classe alta, como uma forma de menosprezar os mais pobres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: edições Loyola, 2014.

BISNETO, José Augusto. **Serviço social e saúde mental: uma análise institucional da prática.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A leitura como função terapêutica: Biblioterapia.** R. Eletr. Bibliotecon. Florianópolis, n. 12, p. 32-44, 2001.

CANDIDO, Antonio. O DIREITO À LITERATURA. In: **VÁRIOS ESCRITOS.** 4. ed. São Paulo | Rio de Janeiro 2004

Carolina de Jesus, fenômeno editorial no início dos anos de 1960 – Jornal Futura = Canal futura. Jun. 2015. 5:56 minutos Disponível em: <<https://youtu.be/PucTtvFtDBA>>. Acesso em 17 Nov 2019

CASTRO, Eliane Dias de; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. **Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira.** Interface (Botucatu), Botucatu, v. 11, n. 22, p. 365-376, Aug. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20Abr. 2020.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 26, p. 13-71, 14 jan.2011. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077/8085>> Acesso em: 30 Mar. 2020

DALCASTAGNÈ. Regina. **Quem e sobre quem escreve o autor brasileiro.** Revista Cult: 05 Fev. 2018. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/>>. Acesso em 30 Mar 2020

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; Minayo, Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 28. ed., Petrópolis: Vozes, 2009. 108 p. ISBN 978-85-326-1145-1

EBLE, T.A; LAMAR, A.R. **A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica.** Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas. V.16, n.27, jul./dez. 2015, p. 193-212.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, p. 57-63. São Paulo, mar./abr., 1995a.

HARPHAM, Trudy. **Saúde mental, desenvolvimento e pobreza.** Rev. Bras. Psiquiatr., São Paulo , v. 22, n. 3, p. 103, Septo. 2000 . Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000300001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28Out. 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de Indicadores Sociais**. Brasil: 2020

JESUS, C. M. DE. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: 2014.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Carolina Maria de Jesus e a literatura periférica contemporânea**. São Paulo. 2013

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SILVA, Eliane da Conceição. **A violência brasileira na obra de Carolina Maria de Jesus**. São Paulo, 2016

SILVA, Eliane da Conceição. **CAROLINA MARIA DE JESUS E A LITERATURA MARGINAL: UMA QUESTÃO DE GÊNERO**. Século XXI, Revista de Ciências Sociais, v.9, n.1, p. 21-52, jan./jun. 2019

SILVA, L. H. P. **Ambiente e justiça: sobre a utilidade do conceito de racismo ambiental no contexto brasileiro**. E-cadernos CES, 2012. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/eces/1123>>. Acesso em 25Mai.2020

SOUZA, Renata. Feministas negras erguem a voz. In: PACHECO, Ronilso (org.) et al. **Diálogos sobre gênero, raça e classe no Brasil**. 1 ed, Rio de Janeiro: Selo Luísa Mahin, 2019.

WHO – World Health Organization. **Mental health: strengthening our response**. 2018. Disponível em: <<https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-strengthening-our-response>>, Acesso em 20Abr.2020